

RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE

**Os sentidos do viver
e do morrer**

**X Congresso Internacional
em Ciências da Religião**

ANAIIS

ISSN 2177-3963

Organização
Carolina Teles Lemos
Gláucia Loureiro De Paula
José Reinaldo F. Martins Filho
Kátiuska Florencia Serafin Nieves



ANAIS

**X Congresso Internacional em Ciências da
Religião**

**Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos
do viver e do morrer**

ISSN 2177-3963

**21 a 23 de Outubro de 2020
Goiânia, Goiás**

EXPEDIENTE

Instituições Organizadoras e Equipe Interinstitucional:

Dra. Carolina Teles Lemos (PUC Goiás) (presidente)

Dr. Frederico Pieper (UFJF)

Dra. Sandra Duarte de Souza (UMESP)

Dr. Rodrigo Coppe (PUC Minas)

Secretaria Executiva

Dra. Rosemary Francisca Neves Silva – PUC Goiás

Janaina Josias de Castro – PUC Goiás

Gláucia Loureiro De Paula – PUC Goiás

Katiuska Florencia Serafin Nieves – PUC Goiás

Administração Financeira

Rubens Alves Costa – PUC Goiás

Equipe Editorial

Dra. Carolina Teles Lemos – PUC Goiás

Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho – PUC Goiás/IFITEG

Mariosan de Sousa Marques – PUC Goiás

Dra. Selma Marques de Paiva – PUC Goiás/UEG

Comitê Científico

Dr. Abimar Oliveira de Moraes (PUC Rio)

Dr.ª Dilaine Soares Sampaio (UFPB)

Dr. Glauco Barsalini (PUC Campinas)

Dr. Raimundo César Barreto Júnior (Princeton Theological Seminary –
New Jersey, EUA)

Dr. Guy Jobin (Université Laval – Quebec)

Coordenação da Editoração
Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho

Revisão da Organização
Dra. Selma Marques de Paiva
Mariosan Sousa Marques

Equipe de Diagramação
Cainã Marques Lopes
Daniel Carvalho da Silva
Gustavo Augusto da Silva

A revisão textual dos manuscritos remetidos é de total responsabilidade de seus respectivos autores, com anuência dos coordenadores das Sessões Temáticas e aprovação da Equipe Editorial.

Realização:



**PUC
GOIÁS**



Dados Internacionais para Catalogação na Fonte

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

ANAIS do X Congresso Internacional em Ciências da Religião: Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 21 a 23 de outubro de 2020.

730 p.

ISSN 2177-3963

1. X Congresso Internacional em Ciências da Religião. I. Religião. II. Ciências da Religião. III. Teologia. IV. Anais. V. Título.

Patrocínio:



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Carolina Teles Lemos

José Reinaldo F. Martins Filho 15

ST 1 – CAPITALISMO COMO RELIGIÃO – MERCADO, SAÚDE E ADOECIMENTO

PENTECOSTALISMO SOB MEDIDA E CULTURA LÍQUIDA

Pedro Fernando Sahium 18

O SECULARISMO E O PLURALISMO RELIGIOSO: INFLUÊNCIAS NAS INSTITUIÇÕES MANTENEDORAS DO SAGRADO

Adenilton Moises da Silva 25

Ana Margareth Manique de Melo

O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO E SUA EXPANSÃO DE FRONTEIRAS NO BUDISMO MAHĀYĀNA BRASILEIRO

Patricia Guernelli Palazzo Tsai 31

PUBLICADORES DE MAX MÜLLER: REVISTAS EUROPEIAS, PUBLICAÇÕES SOBRE O ORIENTE E ECONOMIA DO CONHECIMENTO

Loyane Aline Pessato Ferreira..... 38

RELIGIÃO E INVENÇÃO CULTURAL: APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE RELIGIÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Thiago Schellin de Mattos..... 45

COVID-19 E ROMARIA DO MUQUÉM: IMPLICAÇÕES E INOVAÇÕES

Aldemir Franzin

Alberto da Silva Moreira 52

ST 2 – O RESPEITO À LIBERDADE RELIGIOSA COMO PRECEITO DE CONFORMAÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

IPARUBÓ: O CONFRONTO ENTRE A ECOLOGIA AFRICANA E O MERCADO BRASILEIRO DE ABATE HALAL

Davison Cardoso 61

A LIBERDADE DE CRENÇA NOS GRUPOS TERAPÊUTICOS PSICOLÓGICOS

Marineide Felix de Queiroz Brito

Lusival Antonio Bacellos..... 68

DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA: UM CONCEITO RELIGIOSO GARANTIDOR DA LIBERDADE RELIGIOSA

Moacir Ferreira Filho..... 75

PUBLICADORES DE MAX MÜLLER: REVISTAS EUROPEIAS, PUBLICAÇÕES SOBRE O ORIENTE E ECONOMIA DO CONHECIMENTO ¹⁶

LOYANE ALINE PESSATO FERREIRA

Mestre em História, Doutoranda em Ciências da Religião
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

loyaneferreira@gmail.com

RESUMO: No contexto do Imperialismo do século XIX, que estabeleceu domínios na Ásia e na África, Friedrich Max Müller atua na construção do campo da história comparada das religiões, que depois se tornaria as Ciências das religiões e teve uma atuação destacada. Estabeleceu metodologia para os estudos das religiões e linguagem vindas do Oriente, sistematizou publicação de obras de outros autores e traduziu textos. Seu trabalho se relaciona com questões políticas próprias do momento, inclusive com financiamento dos empreendimentos coloniais. Fez parte deste cenário o desenvolvimento de revistas que articularam o acesso ao conhecimento, sobre filosofia, filologia, história e religiões, inclusive das religiões orientais. Assim, o presente texto busca delinear um entendimento sobre uma publicação de Müller em uma destas revistas, a *Edinburg Review*, articulando-a ao cenário político e intelectual, bem como apresentando uma leitura sobre as motivações de Müller ao escrevê-la. O material utilizado é a bibliografia que elucida historicamente as revistas, e também o autor. O método e referenciais teóricos principais são o conceito de economia de conhecimento e a teoria de campos de Bourdieu. Verificou-se que a publicação de Müller na *Edinburgh Review* se envolve não apenas com um modelo de trabalho intelectual da época, mas também com a criação de condições para acessar e promover o conhecimento sobre as religiões orientais, dentro de certos parâmetros europeus e cristãos. Neste sentido, autor e revista colaboram com a economia de conhecimento, na qual estava implicada uma noção de educação e instrução, de construção científica e valorização da cultura europeia, bem como a *comoditização* do conhecimento. Estes aspectos ancoram o pensamento colonial, fundamentam a pretensa hierarquia civilizacional europeia, sob o ponto de vista intelectual e espiritual, produzindo imagens e símbolos subalternizantes sobre o oriente, transformados em produto.

Palavras-chave: Colonialismo; Max Müller; História; História das religiões; Ciências das religiões.

¹⁶ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 002.

MÜLLER: ENTRE CONHECIMENTO, ECONOMIA E POLÍTICA

Não basta compreender o conteúdo textual de uma produção cultural, seja ela literária ou científica, mas também não é suficiente estabelecer uma relação imediata e direta entre o texto e seu contexto (BOURDIEU, 2003, p.20). Na dimensão em que estão “inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem” qualquer objeto cultural vindo da ciência, da literatura ou da arte (id, ibid) – cada campo é um universo social, com leis próprias que podem ser mais ou menos específicas, e que possuem uma autonomia, que não é isolada do campo maior, e nem é estanque, mas sim está na relação com a forma como o próprio campo se articula, com seus participantes e suas especificidades (id). Ainda que um determinado campo faça parte de um “macrocosmo” as leis deste não são as mesmas do campo, ainda que nunca exista uma inteira liberdade perante as imposições dele.

O presente texto visa estabelecer uma relação entre uma publicação de Friedrich Max Müller (1823-1900) sobre o Budismo, de 1857, e o ambiente intelectual vitoriano proporcionado pelas revistas, tendo como pano de fundo o contexto colonial britânico. Neste ambiente do século XIX, que estabeleceu domínios na Ásia e na África, Müller atua na construção do campo da história comparada das religiões, e inauguraria o campo epistemológico das Ciências da religião, da qual é considerado o pai (GIRARDOT, 2002). Em conjunto com outros autores, Müller colabora para a construção de certas noções gerais sobre as religiões orientais em diversos ambientes intelectuais. Seu papel nesta questão foi muito grande.

De fato, se na relação entre o campo intelectual e o campo político, o envolvimento de Müller é extenso e intenso, no que diz respeito aos temas das religiões indianas, ele é considerado como um personagem predominante na Europa de seu tempo (WELBON, 1965). Estabeleceu metodologia para os estudos das religiões e linguagens vindas do Oriente, sistematizou o projeto *Sacred Books of the East*, no qual atuou como editor e tradutor, deu aulas e palestras (BOSCH, 2002). Do lado político, sua obra conta com financiamento dos empreendimentos coloniais. Sua atuação intelectual mescla-se a um grande capital e prestígio político, circulando entre e dialogando com figuras eminentes da época do que é exemplar sua participação no conselho privado da Rainha e ter como apoiador o embaixador da Prússia, Christian von Bunsen (id, ibid).

Os primeiros vinte e cinco anos do século XIX poderiam ser considerados como a era das Revistas (RIED apud CHRISTIE, 2013, p. 115). Nestas ele também esteve presente, tendo publicado na *Edinburgh Review*, *Quartely Review*, *Oxford Essays*, *Macmillan Magazines*, *Frasers Magazines*, *Saturday Review* e *Times* (MÜLLER, 2020). Tais publicações estavam engajadas em promover uma circulação de ideias e informações pertinentes a formação de pessoas ou uma sociedade culta. Assim, a produção e acesso a áreas do conhecimento tais como teologia, filosofia, filologia, artes, literatura, na Grã Bretanha, se tornaram um investimento econômico e também objeto de entusiasmo perante aquilo que fosse considerado conhecimento de alguma utilidade ou importância (CHRISTIE, p.121). Em suma, o conhecimento era

um produto sob grande demanda, que estava sendo atendida em grande medida pelas revistas, como as citadas.

Além disso, também abrangiam comunicações com a esfera política (id, p.116) pois grandes revistas como *Edinburgh Review* (1802) e *Quarterly Review* (1809) exerciam grande influência sobre a opinião pública, o que confirma seu papel na cultura do conhecimento na Inglaterra do século XIX. Seu editor e colaboradores estavam cientes deste movimento de dupla influência, em ambos os campos, intelectual e político (id, p.115).

A *Edinburgh* foi responsável pelo estabelecimento de uma forma, que afetou o cenário editorial, na organização e na sistematização de suas publicações – também pelo fato de ser a mais antiga (CHRISTIE, 2013, p. 116). Na visão dos editores e colaboradores tais como Francis Horner, conhecimento e economia não eram objetos de esferas distintas, pelo contrário, deveriam ser vistas em conjunto, e um dos pilares da revista seria também a questão política (id, p.122). Sua abordagem no que diz respeito ao pagamento foi o que a colocou em lugar diferenciado: os valores dedicados ao editor e aos colaboradores eram muito mais altos do que em outras revistas, o que lhe concedeu um status de publicação profissional muito mais do que uma publicação comercial (id, ibid). Isso dava ao editor um status de um indivíduo esclarecido, intelectualmente diferenciado, da mesma forma, os textos publicados ali adquiriam status de serem de autoria técnica (CHRISTIE, 2013, p. 121) e não de jornalismo corriqueiro. Para a *Edinburgh Review*, segundo Mark Schoenfield, a interpenetração entre valor econômico e intelectual era uma justificação primária para a Revista e seu compromisso com os ideais de uma organização analítica de conhecimento (apud CHRISTIE, 2013, p.120).

Um dos movimentos envolvidos nestas publicações era o de valorização de resenhas de livros (CHRISTIE, 2013, p. 122). Leitores procuravam por seleção e recomendação de livros, de maneira que as *Reviews* nascem atendendo essa demanda. Desenvolveu-se então um determinado modelo de resenha: os autores dedicavam um majoritário espaço do texto desde o início para referências às suas próprias ideias, expondo-as exaustivamente, e somente ao final ou em segundo plano falariam do livro em questão (id, ibid). Isso colocava o responsável pela resenha em uma posição de leitor onisciente, dando a ele uma posição de autoridade frente ao leitor mas também perante até mesmo o autor da obra em questão (id, ibid). Somando-se status de linguagem técnica e pagamentos consideráveis, a *Edinburgh* competia no cenário editorial com dois tipos de capital, e estava acima das outras.

TEXTOS ORIENTAIS COMO PRODUTO

É neste período de valorização econômica do conhecimento que os textos de origem oriental ganham um lugar proeminente no cenário oitocentista e é importante mencionar o processo de tomada e circulação por parte dos europeus. Se o conhecimento não pode ser desassociado do meio em que circula e é produzido, cabe notar que uma determinada visão de mundo é mantida sempre por um sistema

político, social e econômico que por sua vez dá sentido, alimenta e também movimenta a produção de conhecimento (CHRISTE, 2013, p.120).

Desde o século XVIII, de acordo com William Christie, o conhecimento se tornou cada vez mais uma moeda social de circulação, valorizando não apenas o acesso a ele como também o seu estoque (CHRISTE, 2013, p.120). Isso joga certo foco para interpretar a avidez no acesso ao estudo das religiões orientais. De fato, o próprio Müller comenta que até a segunda década do século XIX o conhecimento europeu sobre o budismo era um tanto quanto esparso e embora tivesse chegado pelas mãos de alguns missionários e viajantes, não haveria clareza neste conhecimento, que tampouco era mantido por uma profusão de textos (MÜLLER, 1881). Mudanças importantes ocorreram com o avanço das relações coloniais nos territórios asiáticos. Neste ponto ele cita e valoriza as empreitadas de diferentes personagens que cada qual em um território colonial movimentaram a circulação de textos para dentro de bibliotecas e sociedades europeias, estabelecidas também no período para o estudo da língua, cultura e religiões asiáticas (Id, p. 167).

É pela presença da Companhia Britânica das Índias no território asiático que se estabelece uma rota pela qual materiais e conhecimento sobre a Índia chegam na Europa, em abundância monumental, para não dizer industrial. Com efeito, segundo Beinorius, essa história tem seu marco inicial com Brian Houghton Hodgson, um oficial da Companhia das Índias Ocidentais. Atuando no Nepal em 1837, ele conseguiu acesso a mais de quatrocentos manuscritos budistas até então totalmente desconhecidos, escritos em tibetano e em sânscrito (BEINORIUS, 2005, p. 14). Ele os enviou para Calcutá, Londres e Paris, para relatar diretamente à coroa britânica o que o Nepal tinha em sua cultura (id, ibid). Nestes esforços, Hodgson afirma categoricamente não achar digno abordar em detalhes o significado de determinadas palavras e conceitos (WELBON, 1968, p. 37). Autores tais como William Jones (1746-1794) e Henry T. Colebrook (1765-1837) produziram estudos de impacto a partir destes manuscritos, levando a fundação de instituições tais como as Sociedades Asiáticas da Índia, Londres e Paris (DAVIS, NICHOLS, 2016).

Este cenário de avanço sobre o estudo das religiões e as línguas orientais pode ser visto em consideração com o cenário maior de uma economia do conhecimento. Como exemplo de seu peso como moeda cultural, é interessante mencionar a compra de alguns destes manuscritos pelo rei da Prússia, que em seguida os depositou na Biblioteca da Universidade de Berlim. Cabe lembrar também a própria existência de uma biblioteca de manuscritos no interior da sede da Companhia das Índias Orientais – bem como o financiamento feito por esta aos trabalhos de tradução do Rig Veda de Müller.

Na Inglaterra do século XVIII e XIX o acesso ao conhecimento em geral, no sentido de sua produção e todas as ocupações e instituições dedicadas a disseminação passa a envolver também a ação de personagens como os editores das revistas e seus colaboradores, que estavam autoconscientes de seu papel, engajados e envolvidos em atividades profissionais ligadas ao conhecimento. Tudo isso se tornou certamente uma indústria complexa, interligada e largamente autônoma. Esse também é o caso da produção do conhecimento sobre as religiões orientais. Se

revistas como *Edinburg Review* concedem capital cultural para leitores e autores, então é possível que ter publicado ali tenha aumentado o capital cultural de Müller e vice-versa. Além disso, o texto recebe status de ser autoritativo no assunto por seguir o modelo de resenha do autor onisciente e com autoridade, com detalhamentos exaustivos diversos, inclusive sobre a trajetória do Budismo na Europa até ali. Republicado depois na coletânea *Chips from a German Workshop*, o texto teria uma difusão grande.

Propunha ser uma resenha sobre um trabalho de Jules Barthélemy Saint-Hilaire – sendo este autor também importante jornalista e político atuante. Seguindo o modelo, Müller dedica uma parte da apresentação inicial do seu texto para uma discussão sobre a utilidade de conhecer o Budismo, e sobre se mesmo um cristão poderia considerar digno esse empreendimento. Como “gancho” inicial na justificação desta empreitada ele utiliza uma referência bíblica: “examinai tudo, retende o bem” (1 Tessalonicenses 5:2) e também afirma que não poderia haver uma única religião no mundo que não contivesse uma centelha de verdade (MULLER, 1881, p.161). Nesse sentido, ele aborda a valorização da própria religião e terra natal como motivador do conhecimento das outras (id, ibid):

Muitas são as vantagens a serem obtidas de um estudo cuidadoso de outras religiões, mas a maior de todas é que isso nos ensina a apreciar mais verdadeiramente o que nós temos em nossa própria [religião]. Quando sentimos as bênçãos de nossa própria terra de maneira mais afetuosa e verdadeira do que quando voltamos do exterior? ¹⁷

Em toda essa digressão, percebe-se uma linguagem detratora inicial para falar do Budismo e também do Hinduísmo. Ele chega a afirmar (MÜLLER, 1881, p.162):

Soa como uma degradação do próprio nome de religião aplica-lo para os delírios selvagens dos iogues hindus ou as blasfêmias vazias dos budistas chineses ¹⁸.

Apesar destas afirmações subalternizantes, o autor conclui que estas devem ser estudadas, dizendo que é conforme se realiza o estudo, devagar e com paciência, que os próprios olhos podem se abrir, e conseguir com isso perceber luz onde tudo estava na escuridão, anteriormente (MÜLLER, 1881, p.162). É possível que Müller estivesse discutindo concepções correntes em torno do Budismo ao fazer isso, ou mesmo estivesse procurando “vender” a ideia de conhecer o Budismo. Mas uma parte considerável de sua resposta positiva para essas questões se desdobram no

¹⁷ Tradução nossa. No original: “Many are the advantages to be derived from a careful study of other religions, but the greatest of all is that it teaches us to appreciate more truly what we possess in our own. When do we feel the blessings of our own country more warmly and more truly than when we return from abroad?”

¹⁸ Tradução nossa. No original: “It sounds like a degradation of the very name of religion to apply it to the wild ravings of the Hindu yogins, or the blank blasphemies of Chinese Buddhists”

sentido de que o conhecimento sobre outros povos irá colaborar para que de um lado se valorize ainda mais sua própria religião, por ter como conhecer “o que é que outros povos tem por religião” - e que isso permitiria ainda que eles se sentissem abençoados por terem podido respirar desde o nascimento o “ar puro de uma terra de luz e conhecimento cristãos” ¹⁹ (MÜLLER, 1881, p.161).

Por outro lado, fazendo parte de uma corrente de autores sobre religião que visavam fazer para ela um campo de estudo científico (DAVIS, NICHOLLS, 2016), Müller valoriza a empreitada também porque seria necessário, segundo ele, trazer todo o conhecimento disperso no mundo para aquilo que ele chama a “língua da ciência”; isto colaboraria para deixar para trás uma ideia fechada de nacional, para superar o mesmo “impulso helênico”, ainda presente no cristianismo, o de querer separar o mundo entre gregos e bárbaros (MÜLLER, 1881, p.162). Tal ideia de romper com o desejo de não conhecer o mundo estrangeiro, somada à noção de trazer para a “língua da ciência” (id, ibid) todo o conhecimento, parece se desdobrar em uma explícita fala sobre a conquista espiritual do Oriente, quando Müller falasse nas palestras “*India What can it Teach us*”, em 1882 (WIRTH, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender este cenário com o conceito de economia de conhecimento é considerar que além de fomentar um mercado, todos os processos de circulação de textos e as religiões orientais nestas revistas, palestras e engajamento das sociedades também tornaram-se uma *commodity*. Ganham valor, tornaram-se moeda, algo a ser adquirido e negociado por sua própria causa, ou por benefícios materiais ou imateriais que viessem de sua aquisição (CHRISTIE, 2013, p. 119).

Se o conhecimento em termos gerais é valioso pelo que houver nele de útil, e se de acordo com Müller as religiões cristãs possuem apenas uma centelha de verdade, como se constrói um espaço para os temas religiosos orientais no “mercado religioso” europeu? Considerando essa questão em relação à boa aceitação do Budismo no cenário inglês já ao final do século XIX (ALMOND, 1988), é possível que esse mercado editorial e essas publicações tenham fomentado alterações nas conceituações budistas de modo a evidenciar certos aspectos, e desvalorizar outros, e até mesmo alterar significados na tradução, para torna-lo um produto que mostrasse aos intelectuais europeus o que eles queriam ver: uma imagem para valorização de si mesmos.

REFERÊNCIAS

ALMOND, Philip C. **The British Discovery of Buddhism**. Cambridge: Cambridge University Press. 1988

¹⁹ Tradução nossa. No original: “Let us see what other nations have had and still have in the place of religion; (...) and we shall then understand more thoroughly what blessings are vouchsafed to us in being allowed to breathe from the first breath of life the pure air of a land of Christian light and knowledge”.

- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, c2003
- BOSCH, L. P. **Friedrich Max Muller**: A life devoted to the humanities. Neitherslands: E.J.Brill, 2002
- CHRISTIE, William. "The Modern Athenians: the Edinburgh Review in the Knowledge Economy of the Early Nineteenth Century," In: **Studies in Scottish Literature**: Vol. 39: Iss. 1, 2013,p. 115–138. Disponível em : <https://scholarcommons.sc.edu/ssl/vol39/iss1/12> Acesso em 15 ago 2020
- DAVIS, Davis. NICHOLLS, Angus. Friedrich Max Müller: The Career and Intellectual Trajectory of a German Philologist in Victorian Britain. **English Goethe Society**, 85:2-3, 67-97, DOI: 10.1080/09593683, 2016. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/71c4/c0b2b4cacde84ef8a919d1cfc566884d00ddf> acesso em 15 nov 2020
- GIRARDOT, "Max Müller's 'Sacred Books' and the Nineteenth-Century Production of the Comparative Science of Religions," In: **History of Religions** 41, no. 3 (Feb., 2002): 213-250. <https://doi.org/10.1086/463683> Acesso em 15 nov 2020
- MULLER, Max. **Selected Essays on Language, Mithology and Religion**. Vol.II. London: Longsmans, Green and Co. 1881, 615p. Disponível em: <https://ia800302.us.archive.org/15/items/selectedessayso02mlgoog/selectedessayso02mlgoog.pdf> Acesso em 15 nov 2020
- MULLER, Max. **Chips from a German Workshop**. Vol I. Frankfurt: Outlook Verlag GmbH, 2020.
- WELBON, G. R. "Comments on Max Muller Interpretation of the Buddhist Nirvana". In: **Numen**, Vol.12 Fasc 3 (Sept 1965), 21p. Disponível em https://www.jstor.org/stable/3269445?seq=1#page_scan_tab_contents Acesso em 27 dez. 2018.
- WIRTH, Lauri "Religião e Epistemologias pós-coloniais" in PASSOS, João Décio. USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; 2013. Reimpressão: 2016.